ANO 7.º — Sexta-feira, 30 de Outubro de 1914 — NUMERO 342

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A intentona monarquica e o govêrno

Evidentemente não fôram os *patêgos* de Mafra com o seu dr. Pacheco Soares e tenente Constancio á frente, que polvilharam de bombas as linhas ferreas do país desde Caminha a Santarem; não foram, com certêsa, esses *lapuzes* que por toda a parte cortaram as linhas telegraficas para melhor desempenho da sua miseravel missão; sem duvida não fôram essas dezenas de *saloios*, que, com a sua proverbial esperteza, organisaram e urdiram a degradante e réles manifestação com que ha dias se pretendeu restaurar a monarquia.

Não foram.

Essa negregada taréfa foi planeada pelas mesmas figuras que, ha quatro anos a esta parte, numa persistencia de loucos ou de verdadeiros bandidos, tem procurado perturbar, da maneira mais vergonhosa, a existencia do regimen ao qual não contentes em assacarlhe as maiores calunias, pretendem derrubar á custa das ultimas infamias.

Nas provas obtidas, contudo, escapam-se sempre ao fornecimento delas quantos á sombra da sua posição, inteligencia e calculo jogam pelo seguro nestas arriscadas empresas, deixando comprometer-se claramente os *patêgos*, os *lapuzes* que, na sua apoucada intelectualidade, se deixam facilmente embrulhar.

Todavía o país inteiro aponta a dedo, com a convicção que vem sempre do convencimento absoluto da verdade, tantos quantos são os autenticos responsaveis, mentôres e mandantes destas tristes e degradantes manifestações de paixão monarquica que, como festa a um determinado orago, todos os anos, em data cérta, se realisa no respectivo logarejo.

E o resultado? Com uma complacencia que entra no campo de manifesta tolice, por cada uma dessas vergonhosas porcarias, anualmente exibidas pelos inimigos do regimen, vemos este absolver e perdoar os comparsas que se deixaram ficar em scena, apanhados com os trajes da farça ou ainda de armas na mão, fumegantes dos disparados tiros fratricidas!

Após a penultima arremetida monarquica que o partido democratico, então no poder, procurou apurar minuciosamente, a situação politica, a uma determinada altura, complicou-se subindo ás cadeiras ministeriaes o govêrno que, com pequenas modificações, ainda hoje lá se encontra.

Uma das suas primeiras medidas foi a amnistia, considerada por muitos, e especialmente pelo partido evolucionista, como a medida redentora para a tranquilidade e bem estar nacionaes. Aqui a combatemos como perigosa e intempestiva, preparadora de futuros movimentos, porque, facultandoa entrada e a aproximação de todos os elementos monarquicos dispersos, estes, refratarios á compreensão e alcance do acto praticado pelo Poder, toma-lo-iam á conta duma fraqueza aproveitando-o apenas para inicio de nóvas arremetidas.

Não nos enganámos; tanto mais que desde a promulgação dessa medida, uma série ininterrupta das mais perigosas transigencias e tolerancias tem sido cometidas pelo govêrno para com os inimigos das instituições, muitas delas com o **mais profundo e ofensivo agrávo de velhos e leaes republicanos.**

Assim, neste meio de criminosa—profundamente criminosa, repetimos—complacencia por parte do govêrno, os monarquicos, com o maior descaro, com o mais absoluto desdem, nas bochechas das autoridades que as absurdas exigencias de vários patriotas impozéram que fossem extra-partidarias sem amor ao regimen, por civismo ou por principio, algumas delas, até reconhecidamente realistas—os monarquicos, diziamos, organisaram de novo a sua *revolução* que, ha dias, esperneou em Mafra, sufocada por meia duzia de soldados e civis, os suficientes para lhe inflingirem a derrota, como se viu.

E' fóra de duvida que para o mais ingenuo observador existe a convicção de que a tentativa não se limitava apenas á exibição realisada em Mafra. Os factos evidenciaram, duma maneira inconfundivel, a larga ramificação do movimento ainda que esses mesmos factos provem a sua antecipada inviabilidade, o seu compléto fracasso.

O que todos sabemos é que os conspiradores tivéram com tanta sobra de segurança e facilidade, tempo e meios para os seus entendimentos, que tudo planearam e prepararam sem que o govêrno de nada tivésse conhecimento não podendo por essa razão empregar o mais insignificante esforço tendente a fazer abortar a miseria exibida em Mafra e morta á nascença por manifesto raquitismo congénito á sua propria vida.

Como sempre sucéde em igualdade de circunstancias, ecoou um grito geral de alarme e de protésto surgido de toda a parte e, por toda a parte, os velhos republicanos, na defêsa do regimen, que todos nós, convictos e desinteressados, ajudámos a implantar atravez da amargura de longas horas de luta e de trabalhos.

De todos os lados surgem pedidos de medidas energicas, concludentes e simples, que limpem o país, duma vez para sempre, dessa praga daninha, que, sem outro sentimento mais que o odio que lhe inunda a alma, procura darlhe vasão, ainda que em tal acto se afunde e perca a existencia da Patria.

E mais uma vez—baldado esforço!—o govêrno, promulgando um decreto, que é duma manifesta ineficácia para a situação de momento, prendendo e libertando vários individuos que, como das outras vezes, conseguem, com uma cobardia revoltante, provarem a sua inocencia, pouco mais fará do que já tem feito, deixando aptos para nova bernarda, os valentes defensores do imbecil destronado que mantem correspondencia com individuos do estofo moral do Cristo filho!

Espantosamente ridiculo tudo isto!

Consola-nos, porém, a atitude do historico Partido Republicano e ao seu lado enfileiramos combatendo a existencia dum govêrno que não corresponde ás necessidades politicas do país, implicitamente animando os inimigos da Patria com a sua orientação duma complacencia doentia, não procurando, porque não quer, nesta hora por todos os motivos dificil e gráve, afastar da sociedade portuguêsa os elementos que são aberta e absolutamente incompativeis com a tranquilidade e honra da nação.

O que mais uma vez está aí **decorrendo com o govêrno e com** os conspiradores, independente de toda a transata vida politica governamental, é uma verdadeira vergonha, uma autentica capitulação dos verdadeiros principios democraticos, que os bons republicanos não pódem calar nem tolerar.

Assim, não.

Ou acabam as fraquêsas ou então, republicanos, preparemonos para ir até onde fôr preciso, sem receios nem considerações.

Acima de tudo a Republica—como a Patria a exige para a sua defêsa e engrandecimento.

Films . . .

Uma pilula

Lêmos nos jornaes atribuidas ao conhecido publicista catolico dr. Abundio da Silva, recentemente falecido em Viana do Castélo, as seguintes linhas do seu testamento, que tem a data de 18 de fevereiro do corrente ano:

> «Reconheço que neste momento a monarquia só podia ser restaurada por imposição ou com concurso de estrangeiros; e por isso, como bom português, prefiro voltar-me para a Republica, pois nunca me consideraria subdito de um principe que, embora português, se sentasse no trono do meu país por ordem ou decisão de estranhos.»

Estâmos daqui a vêr a cára dos *talassas*, que são todos os reaccionários, ao depararem com semelhante declaração. Pobre Abundio que não lhe perdoam. Mas êle tambem se hade ralar muito com isso. De mais, agora...

Nova proclamação

Corre impressa sem que até hoje alguem aparecesse a contesta-la, uma nova proclamação do Kaiser aos alemães, que diz textualmente:

> «Lembrai-vos que sois o povo eleito! O espirito do Senhor desceu sobre mim porque eu sou o imperador dos Germanos. Eu sou o instrumento do Altissimo. Eu sou o seu gládio, o seu representante. Desgraça e morte áquêles que resistirem á minha vontade! Desgraça e morte aos que não crêem na minha missão! Desgraça e morte aos cobardes! Que morram todos os inimigos do povo germanico! Deus exige a sua destruição; Deus quê, pela minha boca, vos manda executar a sua vontade!»

E' unico. Porque estamos convencidos que nem na Hotentocia se acredita numa coisa déstas.

O "Caréquinha„

Por ter sido considerado *indesirable* foi expulso de Portugal o fogoso caudilho monarquico que em Lisboa fundou, com dinheiro de vária proveniencia, o pasquim *A Restauração*, espécie de cano de esgoto, onde até os do *Quelhas* ali de baixo iam despejar o barril das suas fétidas e pestilentas dejecções.

Dizem que tomou o caminho de Biarritz e vai agora publicar qualquer coisa intitulada *Voz do Proscripto.*

D. Manuel hade ganhar muito com isso. Ele e a causa defendida por semelhante pantomimeiro.

Albuns com postaes de Aveiro

Cada . . . 20 centávos

Para revenda, massos de 10 . . . . . . 1$50

Souto Ratola

AVEIRO

UMA INJUSTIÇA

Para juntar a tantas que a Republica tem praticado, para enfileirar no numero dos escandalos que teem surgido após o 5 de Outubro, vem agora mais a nomeação dum reconhecido inimigo das instituições para lente da Universidade de Coimbra, o que nos determina tambem a lavrar um soléne protesto solidariesando-nos com todos quantos não querem vêr calcados antigos correligionários, desprestigiada a Republica e posto em cheque os meritos dum cidadão a todos os respeitos digno de ser considerado e até estimado. Referimo-nos á recente escolha do sr. Eugenio de Castro, *fidalgo da casa de El-Rei D. Carlos e de El-Rei D. Manuel*, como em 1912 começou de intitular-se por *snobismo*, para professor de francês da Universidade quando factos comprovativos demonstram a sua incompetencia e falta de aptidões. Por outra: referimo-nos á preterição do dr. Teixeira de Carvalho *(Quim Martins)* que é quem tem todo o direito a esse logar já pelos seus conhecimentos, ilustração e saber, já por ser um velho lutador dos ideiaes democraticos, com um passado cheio de sacrificios e abnegação, mas que a Faculdade de Letras não quiz reconhecer escudada no seu alto critério deliberativo que nada justifica a não ser o manifesto desejo de ferir o homem que em Coimbra tem sido um dos principaes fomentadores da arte e cujos trabalhos constantes pela arquiologia, estética e historia estão suficientemente demonstrados e documentados por um sem numero de factos comprovativos désta asserção.

A Faculdade de Letras só viu deante de si Eugenio de Castro. A Faculdade de Letras, que é uma adaptação da faculdade de teologia a um novo mister, só viu deante de si o sobrinho do falecido bispo-conde para o distinguir, esquecendo o valor e a competencia dum velho republicano encanecido nos museus e arquivos a estudar, como se isso se possa admitir, hoje sobretudo que dum extremo ao outro do país é geral o clamor contra a permanencia do ensino nas mãos dos reaccionários e a escolha de monarquicos para os logares públicos onde são um estorvo, um perigo, que é preciso remover sem contemplações, rapidamente, como o exige a honra da Republica que não póde nem deve estar á mercê de semelhante corja, salvo raras excepções.

O dr. Teixeira de Carvalho pretido por Eugenio de Castro! Mas que vento de insania é este que ultrapassa os limites da insensatez? Não. Uma afronta de tal naturêsa brada aos céos! Consenti-la será o mesmo que oferecer o pescoço ao cutélo, de mais sabendo-se que quando a Faculdade fez a primeira indicação do nome de Eugenio de Castro para entrar no corpo docente da Universidade esse sugeito foi agradecer a todos os professores dizendo que *não aceitava a nomeação por vir da Republica!* E depois désta resposta, insiste-se! Cométe a Faculdade de Letras a vilanía de impôr o sr. Eugenio de Castro, o reaccionário sobrinho do bispo-conde, o tal que, por snobismo, se intitula *fidalgo da casa de El-Rei D. Carlos e de El-Rei D. Manuel!*

Fóra, fóra com o aristocratico professor! Fóra com o inimigo da Republica! Fóra com o poeta das *Horas* onde se acha impresso o sentir do nulo arqueologo!

Fóra! Fóra! Fóra!

Não fica bem ao govêrno, não fica bem á Republica alimentar a prosapia ridicula dos que a todos os instantes desdenham do regimen. E' o cumulo da *cordealidade* se medidas não forem tomadas tendentes a acabar de vez com ignobeis captações.

Basta! Que ás vezes póde-se tornar dificil navegar no oceano para que o sr. Bernardino Machado nos pertende empurrar...

Falando claro

O unico conspirador monarquico que até hoje se tornou digno de simpatía pela hombridade com que assume as responsabilidades que lhe cabem no movimento em que tomou parte é, sem duvida, o advogado Pacheco Soares, de quem tambem são as palavras que passâmos a reproduzir, ditas na presença das autoridades da Republica, a quando do seu interrogatorio:

. . . .

> «Agora deixe-me dar a minha opinião, e com a maxima sinceridade. **Os seus correligionários, os republicanos, não devem dar outra amnistia. Sim, porque esta que se deu ha pouco, não podia ter sido mais extemporanea.** Os inimigos não se poupam. Estou absolutamente convencido de que todos os movimentos monarquicos feitos em Portugal fracassam, visto que o sentimento, o amor, o respeito pela monarquia já não existem. Ainda sobre a amnistia, devo afirmar que, se fôr dada aos implicados nos ultimos sucessos monarquicos e se eu tivér a felicidade de por éla ser abrangido, garanto-lhe que não mais me meterei noutra aventura. O que se acaba de dar com um escandaloso fracasso, com uma cobardia inclassificavel da parte dos meus correligionàrios que faltaram ao sagrado compromisso tomado, constitue para mim a mais eloquente lição.
>
> **Vi agora e bem nitidamente que a ideia monarquica neste desgraçado país está completamente incompatibilisada com o povo português.»**

Este só têve uma coisa contra si: foi a miopia não o deixar vêr ha mais tempo o que agora vê nitidamente sem auxilio dos oculos...

Outra bota?

O sr. governador civil, que partiu de novo para Lisboa no meado da semana finda afim de tratar dos *interesses do distrito*, deixou, ao que parece, recomendada a substituição de cérto regedor duma freguezia do concelho, por isso lhe ter sido solicitado por elementos evolucionistas, o que, a dar-se, representa um acto deveras censuravel e digno da mais compléta reprovação.

Trata-se dum velho republicano, com bastantes serviços ás instituições e que a ser demitido do cargo que ocupa na sua freguezia porá de novo em cheque o sr. Augusto Gil que parece ter vindo para Aveiro só para proteger a reacção clerical sem atender á defêsa da Republica que tem no padre bronco, mas astuto, o seu peor inimigo.

Cometerá o sr. governador civil a violencia que tem permeditada sem uma causa que a justifique, um motivo que a determine? Estâmos para vêr isso. O primeiro passo está dado. O sr. Augusto Gil mostrou já quanto se interessa pela causa dos reaccionarios que procuram por todas as fórmas afastar uma autoridade zelosa que os não deixa proseguir no trabalhinho em que são eximios. Irá até ao fim? Não terá sua ex.ª quem o avise da injustiça que comete, do erro que pratíca?

Senhor Augusto Gil: não temos contra v. ex.ª nenhuma má vontade. Queriamos e queremos apenas que da parte de quem se senta na cadeira que v. ex.ª hoje ocupa haja o verdadeiro espirito republicano. Isso em primeiro logar. Depois o resto que é preciso para exercer esse alto cargo sem quaesquer solavancos sempre perigosos quando não prejudiciaes. Atenda, pois, ao que vai fazer. Reflita. Pondére. Não se precipite. O momento não vai para politiquices. E' réles, mesmo, que haja quem com isso se preocupe. Vamos, sr. dr. Augusto Gil. Ante a bofetada que se pretende dar a um republicano como paga dos seus serviços desinteressados á Patria e á Republica, decida-se v. ex.ª. Do outro lado está a reacção que espera, confiada, o triunfo da sua causa.

Ah! Mas garantimos-lhe que se assim fôr em oportuna ocasião contas hão-de ser tomadas.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Perante o conflito europeu

Como é apreciada na Espanha a atitude de Portugal

Perez Caballero, o insigne jornalista do visinho reino, insére no *Diario Universal*, de 14 do corrente mez, um novo artigo em que é apreciada com toda a justiça a nossa situação internacional e onde são feitas as mais largas e lisongeiras referencias á dignidade do povo português.

Para que os leitores do *Democrata* o não deixem de conhecer tambem, para aqui transportâmos a parte que nos diz respeito e que é a principal por ter inteira relação com o que ainda no numero passado viram transcrito pertencente á mesma penna.

Assim escreve Perez Caballero:

«Informações recebidas de Portugal aclaram e precisam a intervenção que os portuguêses se dispõem a tomar perante a magna contenda europea. A aliança britanica á qual me referi no meu anterior artigo, tem, como não podia deixar de ser, um caracter reciproco: assim como Portugal tem o direito de contar com o auxilio da Inglaterra quando lhe seja necessário para a defêsa da sua soberania metropolitana e colonial, assim tem o dever de prestar o seu concurso á sua aliada, na medida das suas forças, uma vez que ele lhe seja requerido pelo gabinete de Londres. Foi este, precisamente o caso, e os nossos amigos e visinhos, fieis aos compromissos seculares que os unem á Gran-Bretanha, base da sua acertada politica exterior, tanto debaixo do regimen monarquico como sob o regimen republicano vigente, preparam-se para corresponder ás obrigações contratuais adquiridas pelos seus antepassados, fazendo honra á sua palavra nacional e buscando no seu exacto e leal cumprimento a melhor garantia da sua personalidade internacional. A aliança anglo-portuguêsa foi sempre e continua sendo de caracter geral. Estabelecida em épocas remotas em que não se precisavam como agora as circunstancias e os casos, não faz referencia a um determinado *casos foedris*, como o que permitiu á Italia separar-se justificadamente dos seus aliados da Triplice. O dilema que se apresentou ao gabinete de Lisboa era o de manter ou romper uma vantajosa e leal aliança, que tem constituido, em todos os tempos, o eixo fundamental da politica exterior portuguêsa. Ainda que não pertença á nova fórma de govêrno republicano a menor responsabilidade sobre os pactos que ligam a nação á Inglaterra, havia, sob o aspecto da lealdade internacional, uma maior obrigação moral de os honrar, principalmente quando o sacrificio a fazer, que é indubitavelmente grande, trará como consequencia o aumento do prestigio da nação perante o estrangeiro. E' cérto que do mesmo modo teria procedido a monarquia e prova-o a atitude do destronado rei D. Manuel. Segundo disse o outro dia, o povo português em todos os tempos tem tido sempre um instinto politico internacional que, por desgraça, tem faltado ao espanhol. Sabem os nossos irmãos e visinhos portuguêses que o esforço que lhes reclama presentemente a sua leal aliada, a Inglaterra, é duro e penoso para eles; mas sabem ao mesmo tempo que é uma questão de honra não se recusarem e que o seu concurso estabelecerá vinculos ainda mais apertados com as poderosas nações, as quaes levarão em conta os seus serviços ao tratar-se da paz.

Os portuguêses teríam podido desentender-se sem acudir aos seus aliados, seguindo uma politica tortuosa, facilmente explicavel pela carencia de suficiente preparação e de diversos elementos; mas, ápарte o desdouro, que tem tambem as suas consequencias que não são apenas de ordem moral, correriam assim mais riscos dos que póde proporcionar-lhes o honrado cumprimento dos seus deveres. Em assuntos de ordem internacional como em assuntos pessoaes, o caminho mais seguro é o da honra e do dever. Isto sentiram e compreenderam os portuguêses e a sua resolução deve merecer de nós espanhoes a maior simpatía e o mais profundo respeito. Segundo informações que tenho por seguras, Portugal tem preparado, por agora, uma divisão mista em que reforçou consideravelmente a artilharia, a qual, como a espanhola, é a francêsa Schneider de 75. As unidades estão já preparadas nos seus quadros mas a mobilisação total não se faz emquanto o Parlamento a não autorisar. A Constituição da Republica exige, como a francêsa, que o Parlamento faculte préviamente ao Poder Executivo autorisação para declarar a guerra. Não ha porém duvidas; no presente caso o acôrdo será perfeito. Por fortuna para Portugal a opinião está decidida a favor da Inglaterra e já o demonstraram estar tambem os diversos partidos representados no Parlamento numa rapida sessão que se fez ao estalar a guerra europea.

Não é possivel prevêr ainda os resultados que Portugal colherá com a sua intervenção na guerra. Não se trata de maior ou menor contingente que ofereça, nem de maiores ou menores louros que conquiste. O importante é a posição que toma e essa favorece indiscutivelmente a sua situação diplomatica e concede-lhe por direito proprio voz e voto no congresso ou conferencia da Paz, que num dia, por infelicidade ainda longiquo, hade constituir a nova Europa. Quando chegar esse momento, Portugal não encontrará como nós no congresso de Viena em 1815, sem orientação fixa, por conseguinte isolados. Portugal saberá de antemão que se alemães e austriacos se voltarem contra ele, inglêses, francêses e russos o apoiarão decisivamente e que se estes ficarem vitoriosos poderá receber compensações.

DEFENDAMO-NOS

—(*)—

Devidos á penna do dr. João de Menezes tem ultimamente a *Lucta* publicado uns artigos sobre a defêsa republicana que são tudo quanto ha de mais logico e mais oportuno.

No primeiro desses artigos, qne temos deante de nós, diz, por exemplo, o brilhante jornalista, que poucos dias depois de ter fracassado a tentativa de revolta monarquica de 21 de outubro do ano findo, o ex-oficial de marinha Azevedo Coutinho, logar-tenente de D. Manuel de Bragança, declarou que o movimento *fôra apenas impedido;* não se haviam desfeito os principaes nucleos da conspiração e os monarquicos estavam dispostos a proseguir nos seus trabalhos. A prova de que isto era uma verdade viu-se agora. Contudo republicanos houve categorisados que espalharam ser essa tentativa revolucionaria obra do govêrno democratico e por tal fórma se conduziram por essa ocasião os partidos da Republica que o resultado foi a liquidação de todas as responsabilidades com uma larga amnistia dada ainda não fez um ano porque só assim, no dizer dos corifeus, se conseguiria a reconciliação da familia portuguêsa, quiçá o arrependimento de todos quantos se abalançaram ás tristes aventuras de atentarem contra a vontade do povo. E João de Menezes, que sabia da frase de Azevedo Coutinho, não a tornou publica então.

Pois nem por vir tarde deixa de vir a tempo. Tanto mais que pensámos sempre que a intentona de 21 de outubro não sería a ultima e que a amnistia estava muito longe de ser reconhecida como um acto de generosidade do govêrno que a deu. Agora repetiu-se precisamente o mesmo caso do ano passado, sem duvida um pouco mais correcto e aumentado. Só não foi restaurada a monarquia o que nos leva a crêr novamente que o movimento *fôra apenas impedido*, devendo surgir talvez dentro em bréve a não ser que sejam destituidos de fundamento os insistentes boatos que correm. Estarão os republicanos preparados para a defêsa? Supomos que sim. No entretanto é preciso não descura-la, tendo em vista o odio verde que os adeptos da monarquia dos *adeantamentos* votam aos amigos do regimen. E porque vem a proposito, não será mau, como o deseja João de Menezes, refletir nas palavras de Waldeck-Rousseau, um dos maiores estadistas da Republica Francêsa, proferidas em 1885, no momento em que acontecimentos gràves tambem punha em perigo a Democracia:

«*Não me resigno a aceitar que o ataque ás instituições republicanas seja uma condição da liberdade absoluta; mas, se tal admitisse como tése abstracta, o cérto é que eu, tendo em vista as preocupações da hora presente, diria, e digo-o, que para a liberdade absoluta ha uma condição essencial e primordial—a supressão das oposições monarquicas, porque elas falseiam, porque elas corrompem as instituições da liberdade.*

Ha para a Republica um direito superior a todos os outros—o direito de viver; impõe-lhe um dever, acima de todos os deveres—o de se defender.»

Esta deve ser a doutrina dos republicanos portuguêses, diz o articulista da *Lucta*. Concordâmos plenamente. Assim todos o entendam colocando acima dos seus interesses e vaidades o bem da Patria.

PELA IMPRENSA

O Benaventense— Iniciou o seu 18.º ano de existencia este nosso coléga da imprensa que tem a dirigi-lo Neves de Carvalho, o republicano firme e decidido do tempo da propaganda,

Congratulando-nos com o poder noticiar o aniversario de tão distinto confrade, é do nosso dever felicita-lo e ao mesmo tempo expressar-lhe a simpatía que nos merecem todos os velhos combatentes.

= Por um lamentavel esquecimento deixámos de fazer referencia na devida altura ao numero especial de *O Desforço*, publicado em 5 de Outubro para comemorar esta gloriosa data e ainda a instalação da luz electrica na importante vila de Fafe, melhoramento pelo qual tanto pugnou o aludido jornal.

Impresso a tinta encarnada, com vária e escolhida colaboração salientando os dois factos, nitidas gravuras das principaes personagens que mais se distinguiram pelo seu persistente trabalho em beneficio da terra, que, alfim, viu realisados os seus desejos, o *Desforço* destaca-se ainda pela nota vibrante de patriotismo que lhe imprime o seu atual director, Artur Pinto Basto, antigo republicano do norte, e isso nos faz enviar ao presado coléga calorosas saudações tomando assim parte no jubilo experimentado nesse dia pelo povo de Fafe.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

CARTA

Do digno reitor do Liceu Nacional de Aveiro, sr. dr. Alvaro de Moura, acabâmos de receber a que segue:

...Sr. Redactor do *Democrata*

Póde V. dispensar-me um cantinho do seu muito lido jornal para conversar com o senhor **X** que, ha proximamente oito dias, têve a excentricidade de me enviar, pelo correio, uma circular escrita com bela letra de maquina a duas côres?

Mas dirá V.: quem é o senhor **X**?

Não posso dizer-lho de um modo preciso, mas, como pelo dêdo se conhece o gigante, como o estilo é o homem, etc., etc., não tenho duvida em afirmar que é pessoa que merece consideração, e, por estar disso convencido, lhe venho pedir o tal cantinho para dizer da minha justiça, o que não faria, assim com tanta facilidade e gosto, a qualquer anonimo por muito bem que escrevesse.

Este caíu-me em graça. Gostei da letra de maquina, e tambem me comoveu a ingenuidade. Bem sei que, sendo meu visinho, menos excentrico teria sido se tivésse tido o pequeno incomodo de dirigir-se ao liceu, apresentando-me, lá, directamente, as suas duvidas e queixas, e poupando-me este incomodo em que estou metido, e em que por tabela, o meto.

Mas não quiz. São feitios, e eu respeito sempre o feitio de qualquer, incluindo mesmo o dos anonimos delicados.

Posso então começar? Respondo, désta vês, ao anonimo, concorda? Começa assim o interrogatorio do sr. **X**:

Saber-me-ha dizer V. Ex.ª para que serve uma grande porção de terreno que o liceu désta cidade adquiriu ha tempos unica e exclusivamente para recreio dos estudantes? Não sabe?

Lamento-o! Pois... nem eu.

O sr. **X**, que diz saber que o terreno foi adquirido *unica* e *exclusivamente para recreio dos estudantes*, está em erro, erro que eu vou mostrar-lhe em poucas e claras palavras, que plenamente satisfarão a sua natural curiosidade, varrendo-lhe do espirito a falsa ideia *exclusivo para recreio*.

A tal porção de terreno hade servir para a construção do ginasio, e para campo de exercicios gimnasticos e desportivos.

Foi para isso que se adquiriu, e é a isso que será aplicada, quando forem executadas as obras, ha muito tempo projectadas.

Como está, cheio de socalcos, covas, ervas, entulhos e dejectos de toda a ordem, que para lá lançam os visinhos, para pouco serve, como poderá verificar, querendo dar-se ao incomodo de o visitar, mesmo sem deixar o incognito que, pelos modos, o encanta.

Inquieta-se, depois, o sr. **X** com a bulha e arruaças que os estudantes fazem no largo fronteiro ao liceu e na rua da Costeira (Praça da Republica e Rua Coimbra); increpa a policia civica por não intervir, e aconselha a interferencia energica déla, mas, como a sua circular-protesto foi enviada tambem, segundo néla diz, ao sr. Comissario de Policia não serei eu que, sem procuração, me meta na contenda.

Chama, finalmente, a atenção da imprensa para o assunto, incitando-a para que colabore na repressão de taes abusos, e termina, assinando, modesta e misteriosamente—**X**.

. . . .

Mas o seu atribulado espirito não ficou ainda tranquilo! O apelo á policia e á imprensa não lhe pareceu que bastasse para refrigério de alma e fomentação da ordem, e, num ultimo arranco, mesmo no fim da lauda, em letra graúda, em coriscante *post escrito*, estertora:

Pregunta-se:

Não terá tambem o sr. Reitor do Liceu, dr. Alvaro de Moura, autoridade suficiente para não permitir taes abusos?

Não posso deixar de confessar, cheio de desgosto—é certo—que tenho. Não ha a menor duvida que tenho *autoridade suficiente* para não permitir taes abusos. E' a lei que m'a confére, mas... esqueceu-se de me fornecer os meios de a tornar efectiva. E' uma autoridade que, com dificuldade, se faz sentir até aos portaes do liceu, uma autoridade verdadeiramente de trazer por casa, e é em casa que faço as diligencias para mantê-la intemerata.

E creia o sr. **X** que já não é preciso pequeno esforço.

Com dois empregados menores apenas, que mal chegam para os variadissimos serviços e para a manutenção da disciplina dentro do vasto edificio, será levar muito longe a exigencia querer que ainda mande fazer a policia do largo e ruas adjacentes.

E o sr. **X** bem sabe quem são e como são os empregados do liceu.

Dê-se o sr. **X** ao trabalho de circular, agora, ao sr. ministro da instrução, pedindo-lhe que crie, para o liceu, os guardas necessarios, e eu lhe asseguro que não terá o trabalho de me preguntar mais nada.

E, terminando, sr. redactor, agradeço a sua condescendencia, e creio que não me levará a mal que fique esperando que o sr. **X** me agradeça a minha.

De V. etc.,

Alvaro de Almeida de Eça

Estávamos para nos referir ao assunto quando recebemos a carta do sr. dr. Alvaro de Moura, que diz tudo. No entretanto um ponto ha que precisâmos destacar: é aquêle em que o senhor **X** insiste pela permanencia da policia na Praça da Republica para reprimir o abuso dos rapazes. Quanto a isso esteja descançado que quando o corpo fôr de maior numero de guardas, êles lá aparecerão. Antes, duvidâmos. Tão escaldados ainda se acham das verdadeiras montarias de que fôram vitimas noutros tempos.

Se nem o Diabo quiz nada com os rapazes...

Não vale a pena

Não tem sido pouco o palanfrório e as hespanholadas com que a imprensa do reino visinho vem ha tempos enchendo colunas e mais colunas dos seus diarios, a proposito duma fantastica promessa que *los valientes* tomaram á letra, sobre a anexação da Galiza a Portugal, como prémio da nossa intervenção na guerra, proméssa feita, dizem eles, pelo ministro inglês Churchill.

Escusado será afirmar que tal não fôra referido a não ser como resultado doentio de algum cerebro enfermo, que inventasse a historia. Contudo, a *blague* tem sido aproveitada para sobre nós ser lançado, em diversas ameaças, o feroz anatema dos nossos visinhos. Para tranquilisa-los, num requinte de mordaz cortezia, diz uma das mais brilhantes pennas da capital:

Conquistar a Galiza? Muito pelo contrário. Com tanto galego, honésto e pacifico, que inunda essa Lisboa—foi a Galiza que nos conquistou a nós...

Pacifico, diz muito bem o jornalista, porque, como se canta no Procésso do Rasga

Deus botou numa panéla
Noventa pádas, noventa pádas,
Muito feijão e murcéla
Grão e dobrada, grão e dobrada.

E com todo o socêgo
Fez daquela massa toda
Um bom galego, um bom galego...

De interesse publico

Pelo novo horario dos comboios que depois de ámanhã principia a vigorar continuam suprimidos aqueles que ha pouco foram extintos, entre Aveiro e o Porto, e que tanto transtorno está causando aos interesses desta região.

Todavía nesse horario figura um *tramway*, que, vindo do Porto, chega a Ovar cêrca das 9,30 e ali espera 3 horas para regressar.

Acode-nos perguntar se devidamente solicitada a companhia não se conseguiria aproveitar essas 3 horas de demora para o referido comboio chegar até Aveiro e regressar, o que muito bem póde fazer dentro desse lapso de tempo e sem alteração da respectiva tabéla, ficando assim tudo remediado.

Para o nosso alvitre chamamos a atenção da comissão executiva da câmara e da direcção da Assosciação Comercial sempre tão prontas a intervir a favor de interesses lesados.

VINHOS DO PORTO

Experimentem os da casa

Rodrigues Pinho
—DE—
VILA NOVA DE GAIA
(Porto)

Pois são dos melhores que ha

O fino **Moscatel velho** ou o vinho superior **Regenerante**

Notas mundanas

Acha-se no Porto, onde agora fica a residir com sua familia, o nosso conterraneo sr. dr. Casimiro Barreto Sachetti.

= Consorciou-se ha dias em Albergaria-a-Velha com a sr.ª D. Delmira Vidal o sr. Isaias Vidal, que em seguida partiram, em viagem de nupcias, para o Bussaco e Lisboa.

Muitas felicidades.

= Esteve em Aveiro, dando-nos o gosto da sua visita, o sr. Antonio dos Santos Pinho, que, de regresso do Brazil, vem passar algum tempo na sua casa de Recardães.

Estimâmos conhece-lo pessoalmente.

= Tambem de passagem para Oliveira de Azemeis, em cuja vila se acha estabelecido, esteve nésta redacção o bom amigo do Democrata, *sr. Manuel Rodrigues Aires.*

= Tem ultimamente experimentado sensiveis melhoras o sr. Manuel Augusto da Silva.

= Fizeram exame de admissão á Escola Normal, ficando aprovadas, as meninas Micaéla Fernandes de Carvalho e Silva e Maria da Conceição e Silva, respectivamente filhas dos srs. Clemente Nunes de Carvalho e Silva e João Maria Henriques.

Os nossos parabens.

= Chegou da Beira, felizmente com boa saude, o sr. José Cabecinha, de Esgueira.

= Faz hoje anos o sr. Antonio Rodrigues de Moura, de Anadia, a quem felicitâmos.

Concerto musical

Esteve assaz concorrido o que a banda dos Bombeiros Voluntarios, no domingo, efectuou no Passeio Publico revertendo o produto das entradas a favor dos feridos da guerra, como préviamente fôra anunciado.

As peças escolhidas foram das melhores que constituem o seu reportorio e a execussão primorosa. Não é licito exigir mais duma banda marcial, composta de artistas e operarios que apenas nas horas vagas se dedicam á musica. Damos-lhe os parabens. E ao seu digno regente, o nosso amigo João Miranda, significâmos o quanto nos é grato constatar as magnificas apreciações que ouvimos do publico que atentamente segue os progressos da corporação a que preside.

General de Divisão

Acompanhado dos seus ajudantes esteve na quarta-feira em Aveiro o sr. General Blanco, da 5.ª divisão militar, que veio, sem ser esperado, inspeccionar as unidades aqui aquarteladas.

S. ex.ª partiu em seguida para Agueda e outras localidades.

CINÊMA

Principiaram ontem os espectaculos cinematograficos no Teatro Aveirense, havendo duas explendidas sessões com fitas variadas e devéras interessantes.

As futuras exibições serão ás quintas-feiras, sabados e domingos para o que a emprêsa contratou o fornecimento dos melhores *films*, que se encontram no mercado e entre os quaes figura a *Filha do Faroleiro*, que tanta sensação produz nos principaes cinêmas onde vai correndo.

Assiste um sextêto cuja musica satifaz.

A cultual e o administrador de Oliveira de Azemeis

XII

Um dos principaes argumentos de que se servem os monarquicos e reaccionarios oliveirenses para atacar a Cultual e para perseguir os cultualistas, *é o ultraje á sua crença religiosa!*

Afirmam com um descaramento inaudito, que não pódem consentir que as suas crenças religiosas sejam assaltadas por *livres pensadores*. E com argumentos de pulmão e braço, em acompanhamento de bengaladas em balcão, esboçam uma coragem de extraordinaria valentia que, se não fosse ser a vida uma só, já tinham derramado a ultima gota de sangue das suas veias azuladas. São monomaniacos que em tudo veem livre pensadores em perseguição teutonica ás suas crenças religiosas, que uma desvergonhada hipocrisia matém na esperança radiosa de gorda esportula. São pobres de espirito engarrafados num desprimoroso snobismo que não chegam a causar-nos piedade, mas a tetanisar-nos de nôjo.

Mas nos salões da aristocracia moderna esses nobres são recebidos entre sorrisos e flores e os seus corpos-figurinos perdem-se entre as pequeninas mãos de dedos bem cuidados das odaliscas que, em trajos celestiaes e de candura, os festejam como destemidos defensores dum Ideal, como martires apostolos duma cruz redentora, como heroes duma victoria almejada.

E é para isto e só para isto que eles afivélam a mascara aviltante da hipocrisia religiosa.

Andam tão embriagados pela ideia dessas recepções palacianas que não teem um momento lucido sequer para se recordar das frases pronunciadas outróra em antagonismo com os seus actos de hoje. Andam tão espelhados no seu snobismo que não se recordam que esses actos de hoje lhe dão nitidamente o cunho de *cavaleiros da triste figura*.

Se o seu cerebro um dia acordasse para o passado, deviam saber que a várias pessoas afirmaram, ao iniciarem-se os trabalhos preparatorios do parque de La-Salette, que conservavam a capéla da Virgem unicamente para o povinho ir escorrendo com as suas esmolas, aliás destruiam esse nucleo feio e velho que tanto destôa e maltrata a beleza do parque. E' a necessidade, a falta de dinheiro, que nos obriga a unir, em delicioso matrimonio, ás sincéras canções do povo religioso, as nossas beateficas cantigas.

Era assim o pensamento que esses nobres intelectuaes expunham longe do povo ignorante e fanatisado. E tanto é esta a expressão da verdade que mandaram tirar uma soberba planta de uma magestosa ermida, que as montras cá da terra agasalharam por largos dias, captivando os olhares, em chamaril monetario, do povinho crente que passava e... parava boquiaberto. Os olhos espraiavam-se,sorridentes,nesse belo quadro, mas os corações da bolsa não se mexiam. Essa exploração ignobil não correspondeu ao sonho ganancioso e de vaidade dos seus autores.

Outra armadilha era preciso pôr em acção. E nos cartazes das festas saletinas lá estava estampada a nova ermida, explorando a algibeira do papalvo e do ingenuo que de longe corria a vêr a magestade da obra, que Deus fará... armado em cimento.

Quem assim escarnece das crenças sincéras do povo ignorante terá por ventura alguma força para criticar mordazmente de livre-pensadores aqueles que teem a educação civica suficiente para respeitar quem résa com devoção e crê cégamente na imortalidade da alma? Porque será que um socio dos *contos do vigario*, muitas vezes um desgraçado que nem uma codea bolorenta tem para matar a fome, vai para a cadeia por ter a habilidade de apanhar uns tostões a um ambicioso que quer enriquecer sem trabalhar, e não sofrerão castigo aqueles que se fingem de crentes para expurgar a bolsa aos pobres que, por tradição, piamente acreditam em Deus, escorregando com a esmola para simplesmente suavisar a sua alma dolorida?

E' que estes teem a protecção das autoridades administrativas e suas congeneres, a quem passam o diploma de socios bemfeitores. Entendem-se todos admiravelmente pois são esperançosos irmãos de uma radiosa mocidade. E' este o élo dessa mancebia manhosa.

Para prova basta citar o que fez e declarou o cidadão despachante da administração deste desgraçado concelho. Este administrador, por inherencia de cargo, na vespera da ultima intentona monarquica foi para Espinho tomar o chá de familia num hotel e por lá se deixou ficar até que de todo soube estar sufocada a vergonhosa revolta. Este concelho esteve durante os dias de movimentos combativos sem autoridade administrativa, apesar do chefe do distrito a cada passo telegrafar em cifra para o seu subalterno, pedindo que se cercasse de republicanos seguros. Foi talvez uma acertada resolução, jogando com um pau de dois bicos sem receio de se ferir, pois assim deixava os seus correligionarios á vontade para obedecer ao chefe aliciador da conspirata monarquica do concelho, seu secretário particular e intimo, e não se arriscava acercar-se dos republicanos seguros, que dispostos estão a dar a vida pela Republica, mas não a obedecer a talassas. Esses republicanos, a que se referia o sr. governador civil do distrito, são os mesmos que, a quando da questão do padre Serodio, estavam sentenciados (dizem-no aderentes, adesivos e não a lesivos) a ser massacrados pelos reaccionarios e monarquicos desta vila com a protecção das autoridades administrativas e tambem dos democraticos teutonicos.

O sr. governador civil, ao mandar essa ordem ou conselho, estava concerteza a fazer algum soneto, pois se entre gente estivésse devia pensaṛ que os verdadeiros republicanos, que colocam a Republica acima da familia, não aguardam ordens daqueles para quem a Republica é cousa indiferente ou hedionda. Quando chegar o momento de defender, com todos os sacrificios, a Republica, só são considerados e respeitados como autoridades os republicanos que veem na Republica a redenção da Patria; os outros são respeitados em seguro de conspiradores.

Como quer o sr. governador civil que os seguros republicanos cerquem em auxilio uma autoridade, esperando as suas ordens, quando essa autoridade confessa pela sua propria boca que a Republica lhe é completamente indiferente e os seus actos atestam que é um monarquico e um conspirador? Ha só um meio de o cercar e, portanto, de obedecer ás suas ordens:—é mandá-lo, em caso de perigo, juntamente com V. Ex.ª para as regiões etereas, e em ocasião de socego dar-lhes um conselho de amigo—despejo voluntario.

Os republicanos seguros, a quem V. Ex.ª se referia nas suas ordens, ordens que foram recebidas com gargalhadas de despreso, obedecem á defêsa da Republica sem vacilar, mas tambem sem vacilar combatem os seus adversarios e traidores, ainda que sejam autoridades.

Na primeira ocasião que fôr necessário a V. Ex.as, srs. governador civil e administrador do concelho, mandem chamar os anticultualistas, os seus amiguinhos, para defender a Republica. E' com eles que tem de contar, porque foi com eles que contaram para a nossa chacina.

Os republicanos seguros sabem quando e quem hão-de combater, e portanto prescindem dos vossos conselhos, desprésam as vossas ordens.

27 | X | 814.

Lopes de Oliveira
(Medico)

"Historia da guerra Europeia,,

Está editado o 3.º tomo désta obra que é realmente digna de ser recomendada, não só por estar habilmente elaborada mas tambem pelo relativo luxo da edição. O tomo que temos presente, além de uma linda capa a côres, de optimo efeito, insere um magnifico mapa da Europa, tambem a côres, circundado com os retratos de todos os chefes de Estado, com as respectivas datas de nascimento e aclamação, população de cada país e habitantes por kilometro quadrado.

Pelo diminuto preço de 6 centavos cada tomo de 32 paginas não se póde exigir mais, e é muito de louvar a iniciativa da casa editora, pondo assim ao alcance de todas as bolsas uma obra ilustrada, interessante, educativa e de flagrante atualidade.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á **Tipografia Gonçalves,** 12, rua do Mundo, 14—Lisboa.

Egualmente se encontra á venda nas livrarias do país.

OS ULTIMOS

Entraram já a barra os lugres *Anfitrite* e *Lucilia*, vindos da pesca do bacalhau, respectivamente capitaneados pelos srs. João Pereira Ramalheira e José Tude.

Como os outros navios da mesma procedencia, trazem estes grande quantidade de peixe pelo que se espera o seu barateamento no mercado quando não seja já, como está sucedendo em algumas partes, pelo menos dentro em bréve.

Que se não faça esperar que os pobres bem precisam viver.

O NATURISMO E A GUERRA

Um socialista curto de vista

O Naturismo dita que o homem antes de amar e respeitar o seu semelhante como a si proprio, precisa honrar-se e dignificar-se primeiro.

Os que pretendem lutar por este ideal de redenção precisam antes de tudo mobilisar-se com a força do Amor, da Verdade e da Justiça Social.

Depois partir para a Guerra a dár batalha aos que se armaram até aos dentes com instrumentos de morte, para obrigar os seus irmãos latinos ao absolutismo doentio da raça germanica que não merece o respeito dos seus semelhantes.

Com que autoridade, pois, vem demonstrar o sr. Manuel José da Silva, no semanário socialista *O Combate*, que não devemos partir para a guerra por ainda não ter sido invadido o territorio inglez e que só quando o fôr somos obrigados a defendel-o pela força do contrato de aliança? E acrescenta: *E' um favor que o Govêrno da Republica quer fazer, obrigando o nosso soldado a ir lutar em França ao lado dos aliados.*

Parece que desconhece o que fez a Inglaterra no tempo de Napoleão, mandando a Portugal forças muito superiores para tambem defender-se a si propria no nosso territorio, da ameaça de ser conquistada pelo exercito invasor depois da posse de Portugal.

Porque estará hoje a Inglaterra atacando na França a ira germanica, a pretexto da aliança Belga?

Está pela inteligencia do seu povo, que reconhece a vantagem de combater o inimigo, na casa do visinho.

Quanto mais perderia a Inglaterra se esperasse o esmagamento da França? Ou havia de submeter-se á autocracia germanica ou sofrer o perigo de ser tambem invadida.

Depois não chegariam 50 ou 60 mil dos nossos soldados para cumprir o tratado de aliança; havia de ser preciso mandarmos todos os homens validos a defender a nossa independencia que seria jogada na sorte da nossa aliada.

A Inglaterra não está sendo atacada mas é como que o fosse, com a diferença de que só a França e a Belgica suportam as ruinas dos seus mais belos monumentos. Devemos esperar que nos suceda o mesmo? Não.

O caminho é ir lutar em França pela causa dos aliados. Portugal precisa participar da gloria final que está reservada á nossa querida irmã latina. Queremos a independencia da Patria que periga neste momento. Para isso tem o povo português sustentado o seu exercito com sacrificios de trabalho, suor e vida. Os praticos na arte da guerra não pódem recusar-se a partir.

Os ideaes de paz são encanta dores, mas como conseguir-se esse Eden sem começar pelas nações poderosas?

Deixemo-nos das politiquices do sr. José Manuel. Depois de passada esta tempestade derrubaremos fronteiras numa comunhão de Liberdade no bem, e Portugal descansará enobrecido na paz, como na guerra, no trabalho, como na grandeza de alma dos seus filhos mais queridos.

X

Palavras nobres

O jornal—*Gazeta da Alemanha do Norte*—que pelo titulo indica a respectiva nacionalidade a que pertence, publíca a resposta que o seu feroz imperador recebeu do atual presidente Wilson, da Republica dos Estados Unidos da America, a uma comunicação que aquele fizéra na intenção de justificar e defender todos os horrores praticados pelos seus soldados e até a *irresponsabilidade* da Alemanha no atual conflito, que o mundo vê assombrado.

Duma nobilissima elevação, essas palavras são o inicio da formal e irrevogavel condenação de toda a enorme série de crimes cometidos como consequencia natural da guerra e ainda contra tantos quantos são a natural consequencia da ferocidade brutal dos exercitos alemães.

Leia-se, pois, a eloquente resposta de Wilson:

«Recebi a importante comunicação de Vossa Majestade de 7 de setembro, da qual tomei conhecimento com grande interesse.

E' para mim uma honra que V. M. se me tenha dirigido como ao representante de uma nação que se encontra completamente fóra do conflicto atual e que deseja sincéramente conhecer a verdade e apreciar os factos.

V. M. não espera, tenho a certeza, que eu diga mais. Peço a Deus que esta guerra possa em bréve estar terminada.

O dia do ajuste de contas ha de chegar, se, como estou convencido, as nações europeas se unirem a fim de pôr um termo ao seu conflito.

Onde uma injustiça tivér sido cometida, a justiça se fará sentir e o culpado sofrer-lhe-á as severidades.

Felizmente, os povos da terra miram-se sobre um plano, graças ao qual estes ajustes de contas e estes acordos devem produzir-se. Se um tal plano fôr insuficiente, a opinião da humanidade constituirá a ultima instacia.

Sería imprudente e prematuro entrar-se agora nos detalhes do conflicto atual e nenhum govêrno, mesmo afastado da guerra, poderia formar uma opinião definitiva, nem exprimi-la sem faltar ao seu dever de neutralidade.

Se eu me exprimo tão livremente é por saber que V. M. espera que eu lhe fale como amigo.»

Comunicados

A familia Ferreira Pinto

e as suas afecções nervosas. Tratamento Naturista aplicado por Marcos Ferreira Pinto socio da Sociedade Protetora dos Animaes Domesticos

Primeiro que tudo tenho a agradecer ao bondoso director do *Democrata* a publicação dos meus escriptos porque na verdade aceitar a colaboração dum incompetente que tem passado a vida a jogar com algarismos só a Liberdade a Verdade e Justiça de Arnaldo Ribeiro podiam permitir.

Folgo em o poder ter como camarada na lucta contra a anarquia social; não o sabia, e por isso abraço-o.

Peço portanto licença para começar.

Depois que estudei um pouco a sciencia da expressão do rosto da nova arte de curar sem medicamentos nem operações comecei a analisar os males de que vinha sofrendo, das suas causas, e a fórma de tratamento. Descobri então que tinha sido infeccionado do nervosismo doentio dos meus parentes, e como não é molestia que se cure com drogas não vi a acção da Justiça de Aveiro apresentando-me aqui como curandeiro praticante.

O nervosismo é uma doença terrivel que não só existe latente num ou noutro musculo humano mais afectado, tambem se reflecte em fluidos que invadem todo o sistema do mesmo individuo ou até o ultrapassa infectand o poucas ou muitas pessoas conforme a força do motor de descarga, uma especie de tremélga quando descarrega as suas pilhas.

Eu fui por muito tempo o seu acumulador e agora depois de carregado déssa metralha vou pôr em funcionamento os magnetes que teem de dar passagem a infecção recebida, trabalhando ao contrario.

Désta fórma ficarei eu aliviado de tal sobrecarga de fluidos estranhos ao meu organismo, e os meus cáros parentes depois de lhes fazer conhecer a proveniencia déssa epidemia social estou convencido que hão-de empregar todos os seus esforços para tambem se curarem pelo Naturismo começando por deixar de uzar sapatinhos de tacão alto cuja influencia no cérebro é bem manifesta.

Vamos por tanto fazer uzo dos revolcivos literarios visto a diplomacia das aguas mornas não ter dado resultado.

Mas se me perguntassem a rasão porque adoptei esta fórma de tratamento e não outra menos incomodativa, havia de responder, que a unica que conheço além désta, era—não terem estorvado a venda das propriedades que me foram quinhoadas por inventario e poder com esse producto construir uma colonia Naturista para tratamento de doentes pelo sistema Carton e direcção da Sociedade de Vegetariana de Portugal e Brazil, onde éla e eu julgassemos conveniente.

Todos os meus parentes poderiam ali encontrar a sua cura, ou pelo menos um grande alivio se se resolvessem a largar éssa farpela de odio e de perseguição, por eu tentar acompanhar os grandes homens, nos seus ideaes de progresso, de civilisação e sciencia.

Não o quizéram assim, naturalmente pelas minhas ideias de desinteresse, no negocio de livros para a educação social, agradando-lhe mais que o socialismo começasse pela minha pessoa estorvando estas iniciativas, para ir dár o superfluo a quem não tem competencia para se governar só por si. O individualismo é sempre assim eguista, hipocrita ou jesuitico.

Temos portanto de recorrer á primeira formula porque tambem é preciso fazer-se um bocado de higiene social para tirar as teias de arenha a uns enquanto outros se vão desinfectando e regenerando com agradabilissimos banhos de Sol.

—Assim é preciso, porque quem não conhecer o meu porte e souber que todos os meus parentes cortaram comigo as suas relações decerto ha-de julgar-me um refinado patife ou um grande criminoso.

Bem sei que não sou exempto de erros, a prefectibilidade ainda vem longe. Mas quando porventura érro procuro logo equilibrar a balança da minha consciencia com acções patrioticas, benemeritas ou sociaes que caibam dentro dos limites das minhas forças. E' isto que êles não pódem vêr, agradava-lhes mais receber-me em actos de beija-mão.

E' por isso o seu desprezo e, por eu ser ateu, anarquista ou livre pensador? Hão-de ganhar muito com tal procedimento.

Vou chamal-os á discussão dos meus actos paulatinamente, serenamente sem aquêles insultos picantes de Homem Cristo que tão bem se casavam com a sua maneira de pensar. Só eu quero ser o malvado corrido a cacetada das vossas penas, porque a vós beatificos devotos de S. Manuel só desejo mais juizo e menos nervosismo. E creiam que se a monarquia voltar a ser govêrno em Portugal ha-de ser mais avançada, mais nobre se quizér conservar-se, ha de ser uma monarquia social que acabe com o vosso individualismo pedante e absolutista.

Preciso salvar-me do abismo a que me atiraram e hei-de conseguil-o.

Vou pôr em confronto as vossas acções, com a educação religiosa que receberam e como a empregam em satisfação dos seus mizeraveis caprichos.

Vou demonstrar que só á loucura individualista como a vossa, cada vez mais estrangeirada, se deve a desorganisação economica e a ruina do nosso País e não a este ou áquêle regimen.

Uma mudança de instituições conforme o vosso desejo só serviria para arranjinhos individuaes, e nós precisamos cortar as azas a toda éssa especie de passaros bisnáus. Portugal hade renascer quando fôr abolido o direito de propriedade.

Eu hei-de dizer aqui o que era a propriedade antes de D. Manuel I e os roubos que foram feitos ao Estado desde então para cá, pelo clero e nobreza das mãos dadas.

Emfim tudo isto e com historias de bacalhau avariado em barrigas de freguezes pouco endinheirados vai dár que pensar aos leitores do *Democrata*.

Excitações escusadas não se querem, ainda pódem complicar mais o tratamento. Vamos é preciso calma visto não podermos ir para a minha colonia Naturista. E por hoje ponho ponto na conversa.

No proximo numero vai entrar em tratamento uma das minhas irmãs. Peço desculpa aos outros senhores de os não poder atender désta vez mas não perderão com a demora.

Ilhavo 21—10—914.

Marcos Ferreira Pinto

Licôr PATRIA

O melhor licôr até hoje conhecido. Fabríco especial de Augusto Costa & C.ª

Quinta Nova

OLIVEIRA DO BAIRRO

I

O licôr **Patria,** já viram?
E' hoje o rei dos licôres!
Todos os homens admiram
Seus efeitos, seus sabores!

II

Licôr **Patria,** é um primôr
Com todos os requesitos:
Apezar de ser licôr
Dá saude aos mais aflitos!

III

Licôr **Patria** que delicia
Para o pobre e p'r'o janota!
Não o beber tem malicia...
Quem o beber é patriota!

IV

Licôr **Patria:** em meu peito
Tu tens a melhor guarida!
Não ha licôr mais perfeito
Que se encontre nésta vida!

V

Licôr **Patria,** ó leitores
Ele inspira qualquer trova;
E' hoje o rei dos licôres
Que se faz na Quinta Nova

Enviam-se preços e condições de venda a quem as pedir.

Deposito em Aveiro—*Tabacaria Havaneza.*

CORRESPONDENCIAS

Pará, 10

Chegou do Rio de Janeiro aonde foi habilitar-se para poder clinicar no Pará, o homem dos tres C. C. C.

Agora já se não fala no conspirador Cosme e antes assim.

═O *Centro Republicano Português* comemorou no dia 21 de agosto ultimo o 3.º aniversário da Constituição politica da Republica Portuguêsa, franqueando a sua séde ao publico, embandeirando e iluminando a fachada do edificio, á noite.

═Suicidou-se com um tiro no ouvido, o comerciante Vitorino Martins de Oliveira, com casa de ourivesaria, de 46 anos de edade, filho de paes portuguêses e residente á rua 15 de Novembro.

O motivo, foi a intendencia (Câmara) ter-lhe penhorado todos os objectos existentes na loja para pagamento de impostos devidos á mesma intendencia.

Este tragico acontecimento impressionou todos quantos conheciam o infeliz, que deixa muitas saudades.

═Foi assassinado á facada no dia 25 de Setembro, pelas 23 horas, na Praça Saldanha Marinho, canto da travéssa 7 de Setembro, por um agente de policia, que dá pelo nome de Manuel Nazario, o português Luiz Rodrigues, casado, natural de Alijó.

O crime deu-se quando este pobre homem regressava a casa com o produto daquêle dia para matar a fome á familia, que o esperava, pois não tinha com que alimentar-se, visto que ha muitos dias não trabalhava por não ter serviço e naquêle dia ter-lhe aparecido trabalho a bordo do vapor que no dia seguinte partia para a Europa.

O malvado, que é brazileiro e de máus precedentes, acha-se preso.

A origem do crime, segundo dizem, foi a recusa de dinheiro por parte do assassinado.

Pessoas caridosas abriram uma

Angola

Por especial deferencia para com este jornal, o nosso querido amigo sr. Francisco Vieira da Costa, residente em Loanda, encarrega-se de receber, nêssa cidade, todas as assinaturas do DEMOCRATA respeitantes á provincia.

Rogâmos, pois, aos nossos presados subscritores a finêsa de a êle se dirigirem visto como já se acha de posse dos recibos mediante os quaes deve ser efectuado o pamento.

subscrição, auxiliada pela *Liga Portuguêsa de Repatriação* para socorrer a pobre viuva, que embarca ámanhã para Portugal com passagem paga pela mesma *Liga*.

E' provavel que o assassino não sofra grande pena, visto ser português o assassinado...

=Tomou posse do consulado português, no dia 25 de Setembro, o sr. M. J. Rebelo Junior, português naturalisado, na ausencia do sr. Augusto Cotelo, que embarcou para Lisboa no dia seguinte.

=No dia 28, um telegrama de Lisboa para o *Estado do Pará* dizia ter sido nomeado vice-consul de Portugal neste Estado, o sr. Artur de Mélo Coelho.

=O *Centro Republicano Português* festejou modestamente o 4.º aniversário da Republica Portuguêsa, comparecendo os representantes do sr. Governador, da Intendencia, do chefe de policia e mais autoridades locaes. O salão esteve repleto de socios e convidados, tendo-se feito ouvir a orquestra da *Tuna Luzo Caixeiral* e a musica portuguêsa *Luiz de Camões*, que ali se apresentou espontaneamente, tanto de manhã como á noite.

Houve discursos, falando primorosamente os srs. dr. Emilio Amaral, José de Padua Andrade, presidente, Alberto Garcia, João Gil Junior, que foram muito aplaudidos.

A sessão abriu-a o presidente da assembleia geral, sr. dr. Eduardo Reis, prolungando-se até ás 23 horas, sendo distribuida aos presentes, no numero dos quaes se contavam muitas senhoras, grande quantidade de cerveja, dôce fino, etc.

Devemos dizer que apezar de modesta, a festa do *Centro* esteve muito animada.

=Completou 60 anos de existencia, no dia 8 do corrente, a *Beneficente Portuguêsa*, sem duvida uma das mais importantes sociedades portuguêsas que aqui existem.

E' atualmente seu presidente o sr. dr. Emilio Corrêa do Amaral, um dos vultos mais proeminentes da colonia portuguêsa e um dos mais incansaveis propagandistas da união da colonia aqui residente.

Pelo motivo do aniversário da *Beneficente*, esta esteve em festa nesse dia tendo ido ali uma grande quantidade de pessoas visitar a bela instituição.

=A guerra Europêa é o assunto do dia e devemos dizer que a maioria do povo é contra êssa maldita Alemanha cujo chefe invoca o poder de Deus para poder praticar maior quantidade de crimes.

=A vida por cá está cada vez peor ainda devido á crise. A maior parte das familias para poderem viver, deixam de pagar ao merceiro, ao padeiro e o aluguer da casa onde residem.

O cambio esteve ha dias sobre Portugal a 400, por cada 100 escudos.

C.

Ois da Ribeira, Agueda, 26

Por especial deferencia do director do *Democrata* vamos hoje encetar as nossas despretenciosas correspondencias para pôr os leitores ao facto das noticias mais importantes desta freguezia. Prometemos ser meticulosos nas informações que dérmos, aproximando-nos da verdade quanto possivel. Fustigaremos inexoravelmente os inimigos da Republica que são todos os monarquicos, e os republicanos que com eles fazem causa comum. Para estes seremos ainda mais severos, para vêr se hes afastamos aquela grande doença do sôno que tem feito com que se não cumpram as leis do país, e estejâmos vergonhosamente amarrados á influencia de vários *Tóis*.

Faremos, porém, uma cousa: devido á conflagração europêa, quebrâmos animo um pouco, porque o dever assim nos manda. Mas oportunamente relataremos aqui todas as afrontas de que temos sido vitimas por parte da propria autoridade administrativa.

= Uma creatura apagada que daqui fornece noticias para um jornal *talassa* de Lisboa, apesar de ter falta de um pé, dá cada parelha...

Ainda ha pouco o escriba dizia: *No funeral do sr. Filipe Soares encorporaram-se católicos e anti-católicos.* Mas quer o leitor saber o que fez este ásno? Não tardou muitos dias, que, feito gato pingado, andasse a percorrer as ruas da freguezia a angariar donativos para qualquer santo, e então eram assaltados católicos e anti-católicos.

Hade sempre ser o mesmo pobre de espirito, esta creatura.

= Foi ha dias vitima de um desastre o nosso bom amigo sr. Ricardo Pires Soares, mas felizmente está muito melhor.

= Por noticias que nos chegam, está muito doente em Ovar, aonde é guarda-livros, o nosso velho amigo sr. Amadeu Soares.

Do coração desejamos os seus alivios.

= Para tratar dos seus negocios no Rio de Janeiro, seguiram para ali, ontem, os nossos correligionarios Alberto e Jaime Marques, de Cabanões.

Feliz viagem.

C.

Pinhão, O. de Azemeis, 29

Na preseente conjuntura em que a integridade nacional corre risco reclamando imperativamente o esforço comum de todos os portuguêses, quando trazemos todos na alma um sinistro ponto de interrogação, na anciosa espectativa do dia de ámanhã, cobardemente uma cohorte de bandidos procuram todos os meios, mesmo os mais infames e criminosos, para provocar actos de banditismo. Que desgraças não haveria agora a lamentar se não fosse as acertadas providencias e aturada vigilancia a que se obrigaram os bons servidores de uma patria redimia? Vias ferreas destruidas, carruagens em estilhaços, pontes despedaçadas, e, para remate de tão nefasta obra, centenas de cadaveres, cujas vidas meia duzia de dementes entendiam por bem pagar a dinamite afim de que um novo rei de Portugal suba ao trono por degraus de vitimas! Queriam esses famintos vampiros restabelecer nésta terra um passado que nos envergonha e enodoava perante o mundo inteiro, tentando, numa suprema afronta, arrastar o nobilissimo exercito português a uma defecção de que êle não é, nem nunca foi capaz? Nós, os povos deste logar, protestemos energicamente contra esses bandidos que nada respeitam, mixto repugnante de cobardes, pedindo o rigor maximo das leis não permitindo éssa cafila de traidores, que como traidores devem ser tratados, que aqui continuem afrontosamente pisando terra portuguêsa sem que os purifique — se, acaso, são susceptiveis de regeneração — o crisol do sofrimento em plagas distantes. Cabe ao govêrno a tarefa de os castigar e a todos os portuguêses que amam a sua patria o não desejarem para degeneradas contemplações nem generosidades.

Padre Mestre

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

NOVEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
1	REIS
8	MOURA
15	LUZ
22	RIBEIRO
29	BRITO

Anuncios

NUTRICIA DE LISBOA

Produtos désta casa á venda em Aveiro: extrato de malte em pé, chocolate com aveia, marca *cavalo branco*, café de cevada, farinhas de Nestle, Alpina, Bledine, aveia, cevada e arroz. Massas alimenticias para regimen, etc., etc., tudo pelos preços de Lisboa.

Alberto João Rosa

33-A—Rua Direita.—AVEIRO.

Caixeiro de mercearia, bem habilitado, precisa-se para Ilhavo.

Carta a esta redacção.

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor** de **Aveiro**, de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

PADARIA MACEDO

PRAÇA DO COMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol dôces, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

Adéga Social

Rua da Revolução

Os proprietarios déste estabelecimento participam aos seus Ex.mos freguezes e ao público em geral, que tem á venda os seus vinhos, ao preço de 80 reis o litro (branco) e 60 reis (tinto).

Abafado a 200 reis o litro.

Aguardente bagaceira a 200 reis o litro.

Tambem ha serviço de *restaurant*, estando encarregado da cosinha pessoa habilitadissima.

Os proprietarios,

FERREIRA & IRMÃO

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Em virtude da execução por custas e sêlos requerida neste Juizo pelo exequente— o Agente do Ministério Publico nésta comarca—contra o executado Manuel Marques Fernandes, solteiro, lavrador, de Sarrazola, se hade proceder no dia quinze de novembro proximo futuro, pelas onze horas, no Tribunal Judicial désta comarca, á arrematação em hasta publica, afim de serem entregues a quem maior lanço oferecer acima da sua avaliação, dos seguintes predios pertencentes e penhorados ao executado:

Uma propriedade sita no Monte de Vilarinho, freguezia de São Julião de Cacia, désta comarca de Aveiro, que se compõe duma terra lavradia com suas pertenças, avaliada na quantia de cento e cincoenta escudos;

Uma propriedade sita na Chousa Nova, limite de Sarrazola, freguezia de Cacia, désta comarca, que se compõe duma terra lavradia com suas pertenças, avaliada na quantia de cento e sessenta escudos.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 20 de outubro de 1914.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo

Alfaiateria Miranda

RUA DA COSTEIRA

AVEIRO

O proprietario deste estabelecimento participa aos seus Ex.mos freguezes que acaba de receber um variado sortido de fazendas estrangeiras e que ha de mais *chic* para a estação de verão.

Possue tambem o mesmo estabelecimento, no 1.º andar, um magnifico *atelier* de chapeus de senhora, acabando de receber ha pouco de Paris os modêlos da ultima moda assim como um sortido lindissimo de flôres vindas directamente daquêle centro da moda.

Pessoal habilitado para a confecção rapida de todos os trabalhos de que se garante o aperfeiçoamento.

Aos Ex.mos freguêses e freguêsas solicita-se, pois, uma visita a este estabelecimento.

Atenção

Para assunto de seu interesse deseja-se falar com os descendentes de José Simões de Figueiredo, que exerceu o oficio de alfaite e que embarcou para o Rio Grande do Sul em 1828.

Dirigir ao Deposito de Tabacos em Aveiro, de João Campos da Silva Salgueiro & Filho.

VENDE-SE barato um moinho de moer e tirar agua.

Para tratar com João Calisto, alfaiate, em Egueira.

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

=DE=

JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos convencionaes. Manda amostras e preços a quem os requisitar.

CAIXA DE EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES

=DE=

Artur Lobo & C.ª

Rua do Passeio, 19 -- Esquina da Rua do Loureiro

AVEIRO

Empresta-se dinheiro sobre papeis de crédito, ouro, prata, pedras preciosas, bicicletas, maquinas de costura, mobilias, roupas, relogios e qualquer outro objecto que ofereça garantia.

Juros modicos, seriedade e o maximo sigilo nas transacções.

Escola Secundária do Comercio

RUA FORMOSA, 211—336

7 maquinas de escrever--Estenografia--Caligrafia

Linguas. (Unica escola que tem professores das proprias nacionalidades para todas as linguas). Escrituração comercial. Contabilidade. Direito. Geografia.

Alunos internos e externos --- Aulas diurnas e nocturnas

Professores estrangeiros internos em convivio com os alunos. Alimentação dos alunos esplendida e em comum com o director e professores.

Exames feitos nas escolas oficiaes (decreto de junho)

Unica escola onde ha aulas de hora e meia. Esta escola, com dois anos apenas, foi este ano frequentada por 91 alunos.

Curso de Comercio 3 ANOS — Curso dos Liceus 3.º ANO

PEDIR PROGRAMAS

Casa de emprestimo sobre penhores

=DE=

João Mendes da Costa

(FUNDADA EM 1907)

RUA DA REVOLUÇÃO, 63 E TRAVESSA DO PASSEIO, 10

(Em frente da Escola Central do sexo feminino)

AVEIRO

Nesta acreditada casa empresta-se dinheiro sobre brilhantes, ouro, prata, roupas de todas as qualidades, bicicletas, mobilias, calçado, relogios, maquinas de costura, instrumentos, louças etc.

Os juros sobre brilhantes, ouro e prata é de 5 rs. cada 1$000 ou seja 6 0[0. ao ano.

Sobre os outros artigos tambem o juro é muito reduzido.

Esta casa acha-se aberta todo o dia.

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES

DE

José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude dascondições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro

AVEIRO